

# TIJUCAMÉRICA

JOSÉ  
TRAJANO

UMA CHANCHADA FANTASMAGÓRICA

pa  
ra  
le  
s

Copyright © 2015 by José Trajano

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Sattu Rodrigues

PREPARAÇÃO Fabíola Cristofeli

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues, Vivian Miwa Matsushita e Julia Barreto

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Trajano, José

Tijucamérica: uma chamada fantasmagórica / José

Trajano. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2015.

ISBN 978-85-8439-002-1

1. Ficção brasileira I. Título.

---

15-03464

CDD-869.93

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

# Um plano diabólico

*Essa merda não vai ficar assim! Vou dar um jeito nessa história!*

Outro dia, passando por Campos Sales, 118, na Tijuca, numa manhã calorenta e sufocante, típica do lugar, dei de cara com a antiga sede do meu América. Fiquei arrasado, deu vontade de chorar.

Transformou-se num prédio descascado e pichado, fechado e lacrado. Ocupa um quarteirão inteiro, coisa de uns vinte mil metros quadrados. E olha que já foi uma construção charmosa, imponente! Era a mais bonita sede de clube da cidade.

A verdade é que pra chegar aonde chegou teve que passar por reformas, ampliações e puxadinhos que desfiguraram a fachada acolhedora que existia no meu tempo de criança. Mas ainda bota certa banca.

Mendigos de tudo quanto é tipo dormem na entrada imunda, coalhada de restos de comida, cocô de cachorro, folhas secas e jornais velhos. Quem passa pela rua — estudantes, trabalhadores, bebuns e velhinhos que vão tomar sol na pracinha — não se incomoda com o abandono nem

imagina a importância que tinha a sede do América de cinquenta anos atrás. Um prédio que pode desabar a qualquer momento.

Eu, sim, me incomodo!

Porque ali na Tijuca, na Campos Sales, entre as ruas Gonçalves Crespo e Martins Pena, juntinho à Praça Afonso Pena, a dois passos da Praça da Bandeira e a cinco minutos do Maracanã — a pé — vivi os dias mais felizes da minha vida.

Era uma usina de sonhos. Uma espécie de visita permanente a uma fantástica fábrica de chocolates. Aliás, tínhamos a nossa, a Gerbô, confeitaria húngara na rua Afonso Pena que fazia as tortas mais deliciosas do mundo.

A sede do América tinha piscina — que chamávamos de banheirão —, ginásio de esportes, salão de festas, bar que fazia cachorro-quente, a barbearia do Seu Joaquim, uma linda sala de troféus, salinha de cinema com cadeiras da Brahma, playground e o mais importante: o estádio de futebol. Tudo pequeno, mas tudo muito charmoso — pra mim um lugar sagrado porque ali treinavam e jogavam os meus heróis, meus craques inesquecíveis. E onde também nós, crianças, jogávamos nas manhãs de domingos quando o campo estava livre.

Um dia, em 1962, decidiram acabar com tudo.

Prometeram construir a sede mais moderna da América do Sul, com grandes piscinas, quadras de tênis, ginásio poliesportivo, restaurantes e bares chiques. Enquanto isso, levariam o futebol para o antigo estádio do Andaraí, comprado com o dinheiro da venda de Amaro, campeão de 1960, para a Juventus da Itália.

O estádio do Andaraí, no bairro vizinho, distanciou o futebol da gente da Tijuca, onde fincara raízes em 1911,

quando houve a fusão com o Haddock Lobo, time onde jogou o grande goleiro Marcos Carneiro de Mendonça, campeão pelo América no primeiro título, ganho em 1913.

Depois que saiu da Tijuca, o América só conquistou três títulos que mereceram destaque: em 1974, campeão da Taça Guanabara; 1982, campeão dos campeões e da Taça Rio. A partir de 1986, quando foi o terceiro colocado no Campeonato Brasileiro, o América começou a definhar. Um tempo depois o estádio do Andaraí deu lugar a um shopping center e o dinheiro da venda do campo sumiu rapidamente.

O campo de futebol foi chutado para a Baixada Fluminense, Edson Passos, rua Cosmorama, município de Mesquita — virou estádio Giulite Coutinho, inaugurado em 2000. É arrumadinho, com capacidade para doze mil torcedores, mas é um estádio-fantasma, o América raramente joga ali. Tem até uma sala de imprensa com o meu nome.

O futebol é meu ajuste de contas.

Como diz Paulo Mendes Campos, *jamais renunciarei ao direito e ao prazer de sonhar o futebol: por fidelidade à infância e por fidelidade ao orgulho inexplicável de ser brasileiro.*

Então decidi: *Isso não vai ficar assim! Vou dar um jeito nessa história!*

E pus mãos à obra.

Talvez Pai Jeremias, dono de um dos terreiros de um-banda mais famosos do Rio de Janeiro, pudesse dar um jeito. Na juventude ele havia sido atacante do América e ainda era louco pelo time. Pensei, repensei e decidi, iria procurá-lo. Então fiz como o *Pivete* do Chico Buarque: dobrei a Carioca, desci a Frei Caneca, me mandei para a Tijuca e subi o Borel pra encontrar o meu possível salvador.

Conhecia Pai Jeremias desde o tempo de jogador do

América, quando fazia dupla com o craque Edu. Anos depois, assistimos juntos a algumas partidas do América das arquibancadas do estádio Giulite Coutinho. Foi excelente atacante, meio lento, mas habilidoso: depois jogou pelo Fluminense e também pelo Elche, pequeno clube espanhol, onde encerrou a carreira ainda jovem, quando sofreu séria contusão no joelho.

O babalorixá Pai Jeremias é guru de milhares de tijucanos que o consideram uma força da natureza. Mesmo desconfiado da eficiência e com pé atrás em relação à umbanda e afins para o que eu pretendia, fui falar com ele.

Logo na entrada da roça, dei de cara com uma enorme bandeira do América, o que me tranquilizou. Todo mundo que entra ali tem que beijá-la e fazer reverência. Pai Jeremias, negro alto, forte, gordo, bunda grande, é torcedor apaixonado.

Na véspera conversamos por telefone, contei um pouquinho da minha ideia e ele me esperava ansioso. Sentado na poltrona em frente ao grande altar com imagens de santos, preto-velhos e caboclos, usava um abadá branco, bordado, que ia até os pés. Em volta dele, as abiãs, noviças no terreiro, e os cambonos, espécie de paus pra toda obra. Todos de branco. No ar, um agradável perfume de flores.

Ao ouvir os detalhes do que bolei para salvar o clube, Pai Jeremias arregalou os olhos, esfregou as mãos, ficou em silêncio por alguns segundos e se levantou, aos berros:

*Por que não pensei nisso antes? Vamos em frente! Sozinho não iria conseguir, mas em grupo podemos tentar, sim.*

Pai Jeremias se iniciou na umbanda no terreiro de Pai da Luz, em Jacarepaguá, como ajudante de Peralvo, outro ex-craque americano que se tornou pai de santo. Mas foi no Borel, ao lado da antiga sede da Unidos da Tijuca, que

ganhou fama e prestígio. É aquele tipo de gente em quem, depois de dois minutos de prosa, você passa a confiar de olhos fechados.

Para me ajudar na realização da tarefa *complicada, quase impossível, mas instigante e revolucionária*, Pai Jeremias indicou um cambono do terreiro, Hélio Palavrão, por coincidência meu velho conhecido do tempo desde 1968, quando fizemos uma excursão à Europa de navio. Conto as peripécias no livro *Procurando Mônica*. Hélio era médium, mas não incorporava. Fui atrás.

Encontrei Hélio Palavrão nas areias de Ipanema esparramado numa cadeira de praia, tomando cerveja e discutindo futebol numa roda de aposentados, entre eles o jornalista Sandro Moreyra, ambos fervorosos torcedores do Botafogo. A questão era sobre qual estrangeiro jogou melhor com a camisa alvinegra: o uruguaio Loco Abreu ou o argentino Lobo Fischer?

Engenheiro aposentado, Hélio não tinha pressa. Queria sombra e cerveja gelada, custou arrastá-lo para um lugar onde não houvesse ouvidos curiosos. Fomos para a barraca do uruguaio Milton Gonzalez, no posto 9, que faz o melhor sanduíche de linguiça do pedaço.

Disse ao meu amigo que não aguentava mais sofrer pelo América. Que estava velho e ainda queria ter algumas alegrias nesses alguns poucos anos que ainda teria pela frente, só que antes de morrer precisaria resolver os problemas americanos; e que Pai Jeremias adorou o projeto e o indicou para ajudar. E que tínhamos de agir rápido.

Detalhei o plano.

Muita gente me cumprimenta assim:

*Salve, Ameriquinha! Vamos lá, América! Saaangue!*

Outros acham que escondo a paixão de torcedor, que

pode ser por qualquer outro time, menos para o América. Na cabeça deles, ninguém torce pelo América.

Até que têm alguma razão. Como pode alguém torcer por um time que sumiu — está na segunda divisão do Carioca e não consegue vaga nem na série D do Brasileiro — e não disputa campeonato de basquete, vôlei, futebol de salão e tampouco de peteca americana, aliás, esporte criado em Campos Sales?

A torcida murchou; sócios quase não existem, a sede foi lacrada e o tijucano não está nem aí para o time. E o estádio Giulite Coutinho é longe pra chuchu.

Como o América nos últimos tempos não ganha de ninguém e só dá tristeza, resolvi alegrar quem ainda traz o time da Tijuca no coração. E também para quem acha que o futebol é sonho e a maior invenção do homem, como acredita Mauro César Pereira.

Pai Jeremias me deu força e estímulo para conseguir o que parecia impossível. E com todo o respeito por Nelson Rodrigues, torcedor apaixonado pelo Fluminense que era, “adaptei” uma de suas frases mais fortes para também expressar a minha paixão pelo América:

*Sou americano, sempre fui americano. Eu diria que já era América em vidas passadas. Antes, muito antes da presente encarnação.*

Para trazer de volta as glórias do América, o único jeito seria ressuscitar os maiores personagens do clube: os melhores dirigentes, roupeiros, médicos, massagistas, técnicos, assistentes, treinador de goleiro, supervisor e, principalmente, os jogadores que fizeram história com a camisa rubra. Além da sede de Campos Sales.

Formaremos uma esquadra campeã, que também vingará derrotas históricas.



Chega de ser bonzinho, o segundo time de todo mundo!  
*Pau neles!* Será o lema.

Com a adesão de Pai Jeremias ao projeto, era só pôr mãos — muitas mãos — e forças mediúnicas à obra. A ideia era convocar uma turma tão porreta que, reunida, poderia criar um campo de forças suficientes para reviver os anos gloriosos do meu América. Usariam todo o arsenal espiritual e cósmico para isso dar certo.

Pai Jeremias indicou alguns nomes: Pai Santana, Joãozinho da Gomeia, Seu Sete da Lira, Padre Quevedo, Thomas Green Morton e Zé Arigó. Acrescentei o cigano Melquíades, Uri Geller, Robério de Ogum, Mãe Diná, Toninho Diabo e a vidente Zoraia.

Eu, particularmente, queria muito que Melquíades, o cigano que deixou a aldeia de Macondo embasbacada com suas histórias, mágicas e adivinhações, fizesse parte da turma. Perguntei ao Eric Nepomuceno, que traduziu *Cem anos de solidão* para o português, onde poderia encontrar o mago, mas ele foi categórico: desde a morte de Gabriel García Márquez, ninguém mais ouviu falar de Melquíades. Pena, ele que sobrevivera à pelagra na Pérsia, ao escorbuto na Malásia, à lepra em Alexandria, à peste em Madagascar, ao terremoto na Sicília e a um naufrágio no estreito de Magalhães, desapareceu com a morte de seu criador.

Uri Geller, que ficou famoso entortando garfos na televisão, até que se interessou, mas fez tanta exigência que quando listou *Cem garrafinhas de água extraída do aquífero localizado na antiga cratera vulcânica na ilha Viti Leru, no arquipélago Fiji, no oceano Pacífico*, mandei o cara catar coquinhos. Ridículo!

Enfim, depois de muitos telefonemas e troca de e-mails, fechamos com seis, contando Pai Jeremias: Pai San-

tana, Joãozinho da Gomeia, Seu Sete da Lira, Thomas Green Morton e Zé Arigó. Só faltava convencê-los da missão quase impossível. Rebarbaram: Robério de Ogum, Mãe Diná, Toninho Diabo, Padre Quevedo e a vidente Zoraia, além da impossibilidade de contar com o cigano Melquiádes.

Hélio fez cara de interessado, arregalou os olhos, pista de que estava gostando. *E eles toparam numa boa?*

Não foi fácil, os caras resistiram, principalmente Zé Arigó, deram mil desculpas, disseram que era maluquice, coisas assim, mas toparam reunir-se para conversar sobre a tarefa, e pediram que fossem incluídos dois kardecistas para funcionar como conselheiros espíritas. Por sugestão de Edu Goldenberg, grande conhecedor da Tijuca e sua gente, convidei o negro Papu, antigo administrador do Centro Espírita para contatar o pessoal. Ele topou na hora.

E a pedido de Seu Sete, convoquei um terapeuta de vidas passadas, especialista em magia branca, um rosa-cruz e um ocultista representante da Igreja Gnóstica Cristã Universal. E para fazer ponte espiritual com todos eles ninguém melhor que o Pedro de Castro, velho cachaceiro, astrólogo e tarólogo mais afamado da Tijuca, que não hesitou em fazer parte da loucura.